

INFRANGÍVEIS

ALBERTINA PRATES

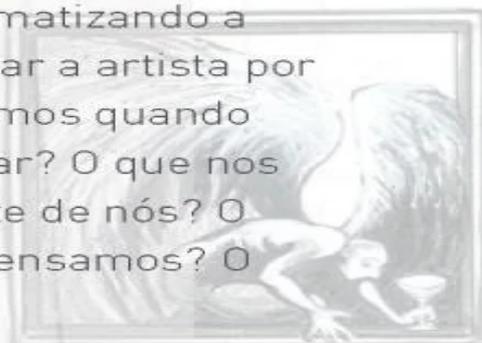
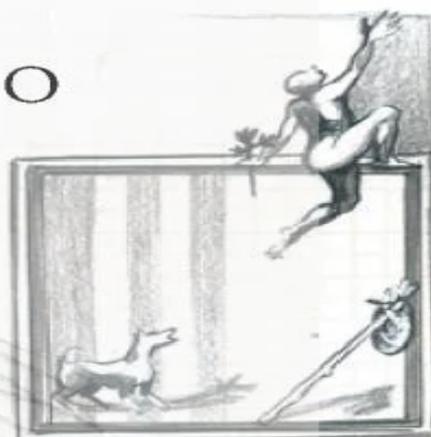
---

As obras de ALBERTINA PRATES (Criciúma, 1954. Vive e trabalha em Florianópolis, SC) compõem em três ambientes expositivos, compondo um só conjunto imagético, onde pensar o vivido, o que herdamos e o que legaremos, encontra uma consistência, fazendo suas as palavras de Heidegger<sup>1</sup> para quem habitar é resguardar: somente os humanos são enquanto habitam sob este céu e sobre esta terra: Salvar a terra, acolher o céu, aguardar os divinos, acompanhar os mortais seria, então, a essência do habitar.

---

## OS HUMANOS SÃO ENQUANTO HABITAM

No primeiro ambiente, situado bem no meio da sala, destaca-se um retângulo com 2 metros de comprimento, 75 centímetros de largura e a 90 cm de altura, cujas laterais externas são revestidas com espelho, duplicando o ambiente ao redor. Em seu interior cinza, observamos um pequeno espelho refletindo quem dele se aproxima, bem na altura onde poderia haver o rosto de um corpo deitado como se estivesse num esquite. Considerando os retângulos minimalistas em proporção com o corpo humano, Didi Huberman<sup>2</sup> lembra o conceito de alteração de Freud, pois só aquele que ainda não morreu pode imaginar a morte. Problematizando a finitude, a questão também parece interessar a artista por meio de seu retângulo espelhado. O que vemos quando nos vemos refletidos num interior retangular? O que nos olha quando nos vemos? O que temos diante de nós? O que somos enquanto vivemos, olhamos e pensamos? O que seremos depois disso?



# HABITAR É RESGUARDAR

No segundo ambiente, deslinda-se um desenho em preto e branco, impressão sobre tecido de uma mulher grávida e com os seios à mostra. Com a mão direita segura uma parte da saia manchada de vermelho, na outra mão segura uma tarântula. Seu rosto está parcialmente coberto por fitas que se prolongam na horizontal como se fossem cabelos esvoaçando. O vestido, em ambos os lados, se prolonga pelas paredes desenhadas e preenchidas com organza, recortada em quatro partes que se intercalam. Ao fundo, na mesma altura do rosto, estão enfileiradas a cabeça de um ancião e de uma caveira, as quais parecem estar soltas no ar. Na altura dos pés descalços, um ramalhete de flores cinzas se desmembra formando um caminho à frente, mas em direção oposta à imagem da mulher.

Diversas figuras femininas habitam a imagética de Albertina. Todas remetem a um repertório cultural bastante denso e apresentam um papel religioso e político de destaque. Entre elas, Maya, a qual nas mitologias orientais e círculos exotéricos aparece personificada como uma das formas da deusa Lakshmi, Durga ou Shakti. Entre seus atributos, está o de cegar o devoto com as ilusões, mas também o de revelar-lhe a verdade. Assim, seu significado envolve uma dualidade, ela se torna o principal obstáculo para o desapego das seduções do mundo sensorial, mas também caminho para superação dos enganos e conquista da iluminação.

A artista permite reconhecer ainda as moiras, três irmãs que na mitologia grega determinavam o destino, tanto dos deuses, como dos seres humanos. Eram descritas como donzelas de aspecto sinistro, com grandes dentes e longas unhas que faziam uso da Roda da Fortuna. Cloto atuava como deusa dos nascimentos e partos, segurando o fuso e tecendo o fio da vida. Láquesis puxava e enrolava o fio tecido, sorteando o quinhão de atribuições que se ganhava em vida. Átropos cortava o fio da vida determinando seu fim.

<sup>1</sup>HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. Disponível em [http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf)

<sup>2</sup>DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. S.P.: ed. 34, 1998.

<sup>3</sup>HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de literatura clássica**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998.



Para além da figuração da Graça ou da Beleza<sup>3</sup>, também comparece a imagem de Héstia, filha de Cronos e Réia, uma das doze divindades olímpicas, protetora da vida doméstica, da família e do Estado. Irmã de Hades e Zeus, cortejada por Poseidon e Apolo, era venerada em todos os lares e incluída em todos os sacrifícios. Seu culto era muito simples: na família, presidido pelo pai ou pela mãe; nas cidades, pelas maiores autoridades políticas. Todas as cidades possuíam o fogo de Héstia, colocado no palácio onde se reuniam as tribos. Materialização do imutável, mesmo fora da Grécia, os gregos levavam parte do fogo da lareira como símbolo da ligação com a terra materna, preservando-o onde seria o núcleo político da nova cidade. Cada peregrino que chegasse, fazia primeiro um sacrifício à Héstia. Na Roma Antiga foi cultuada com o nome de Vesta, suas sacerdotisas eram chamadas vestais e faziam voto de castidade, devendo servir à deusa ao longo de trinta anos.



Pensando a figura da musa como sendo a própria arte, Jean-Luc Nancy<sup>4</sup> observa que não existe a Musa, e sim as Musas. Do mesmo modo, não se pode falar da arte, mas das artes, sendo que estas não podem ser classificadas conforme uma natureza ou ordem técnica, mas como heterogeneidades múltiplas e únicas, sem origem nem fim, pensamento que se faz pensar e sensível que se faz sentir. Refutando como simplista a ideia de que a arte é produção de sentido, define-a como ressonância de um registro sensível. Por sua vez, há um pequeno texto em que Giorgio Agamben<sup>5</sup> identifica a Ninfa como uma metáfora da difícil relação dos homens com a imagem e também como paradigma da própria vida das imagens, composto de singularidade e repetição. Em sua interlocução warburguiana, aponta-a como deusa pagã no exílio, frequentadora da zona intermediária entre imobilidade e aceleração. Assim, musas e ninfas não são concebidas por ambos os autores como uma presença mítica, mas como um meio através do qual se tenta apreender a energia dinâmica, a carga afetiva e a força mnemônica contemplada na própria obra. E não parece ser esta a tarefa a que Albertina se propõe a realizar artisticamente?

<sup>3</sup>NANCY, Jean-Luc. **Las Musas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

<sup>5</sup>AGAMBEN, Giorgio. **Ninfas**. São Paulo: Hedra, 2012.

# SOB ESTE CÉU E SOBRE ESTA TERRA

No terceiro ambiente apresenta-se um filme com a imagem de uma enorme mesa- altar na cor cinza sobre a qual se reconhecem bandejas contendo objetos descartados do dia à dia e um candelabro com muitas velas pela metade e apagadas. Trata-se de oferendas trazidas por uma mulher, cujo vestido se arrasta pelo chão enquanto ela se move com passos ritmados como num ritual. Visto de diferentes ângulos, não conseguimos reconhecer seu rosto. Situada entre a celebração e a contemplação, tal cenografia permite pensar a presença humana e sua relação com o sagrado e o profano, o lugar da criação, da destruição e do sacrifício. Lembrança inacabada, mas pressentida, tudo que emerge é um mistério que incide sobre a superfície. Trata-se de uma história, cujo sentido nos escapa, marcada pelo vestígio de coisas infrangíveis que demandam um pensamento sobre a vida como oblação.

Cabe observar que todo o espaço da exposição é silencioso e com pouca luz, interligado por um rodameio com desenhos de folhas e flores com pistilos eretos. Entre estes vegetais, espaços ovais e quadrados recordam camafeus contendo figurinhas de 3 cm que apresentam quatro cartas do Tarô relidas de forma cômica: o louco sobe um muro e seu cão fica sozinho latindo; o mundo é representado no centro por um ovo; a temperança deixa cair uma taça; a morte se fotografa através do celular. Além destas figuras, é possível reconhecer moscas em posição de cópula, olhos de vários tipos e aranhas. Em um canto, este mesmo inseto mortífero desce do teto através de um fio desenhado com a perfeição de um engana olhos. Repousadas no silêncio e agachadas no seu ser, estas pequenas armadilhas aparecem como uma *oferenda ao olhar*. Encobrindo a suspeita sobre a extravagância e a insensatez do destino, estão ali como imagem das coisas que jamais coincidem com elas mesmas... E não seria este, afinal, o segredo que habitamos enquanto seguimos na ilusão de que é possível dominar a efemeridade e o caos, a disparidade e a desmesura de tudo que foi e seguirá sendo: o planeta, a vida da espécie e dos gêneros, o destino e o corpo de cada um e de todos os mortais?



**Curadoria**  
Rosângela Cherem

**Vídeo Arte**  
Direção: Mara Salla  
Performance: Albertina Prates

 [albertinaprates.com](http://albertinaprates.com)

---

**ESPAÇO FERNANDO BECK**

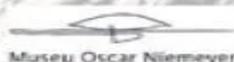
<b>ABERTURA</b>	<b>VISITAÇÃO</b>
07 DEZ	ATÉ 22 FEV 2018
QUI 19H	SEG - SEX
	12H - 19H

**VISITE A FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC**

TODAS AS ATIVIDADES SÃO GRATUITAS

De segunda a sexta, das 12 às 19h  
Rua Visconde de Ouro Preto, 216 - Centro  
Florianópolis - (48) 3224-8946

 [fundacaoculturalbadesec.com](http://fundacaoculturalbadesec.com)  
 [fundacao.badesec](https://www.facebook.com/fundacao.badesec)       [ICbadesec](https://twitter.com/ICbadesec)  
 [fundacaoculturalbadesec@gmail.com](mailto:fundacaoculturalbadesec@gmail.com)



**BADESC**

